

## Querido Miroslav

Você não lerá esta carta, mas nem por isto deixarei de escrevê-la. Mesmo que o destinatário não a receba talvez outras/os a leiam e, mais uma vez, como tantas vezes fizemos nestes últimos dias, pensem em você. Que nos deixou legado amplo e que por certo vai ainda impactar gerações de estudantes. Em tempos de vertigens de toda ordem, emocionais, políticas, sociais e econômicas- movimentos que nos tragam as precárias certezas que fomos construindo em camadas finas e volumosas de labutas mentais e físicas infinitas- temos que nos reafirmar. Artífices de futuro que somos. Para você há este fevereiro já atroz, de tantas vidas perdidas, possibilidades que serão em breve esquecidas, como marco de ruptura. Já não estará amanhã com tua voz firme e calma, nas aulas, nas bancas, em nossas tantas reuniões institucionais. Mas tua presença se fará sempre notar.

Dizem que nossas escolhas definem nossas vidas. O que decidimos e também todas as incertezas que nos imobilizaram e que afinal nos levam a lugares talvez nunca desejados. Sei de algumas delas em tua existência, que nos parece agora tão breve. Sair de teu país natal, onde acordos que se revelaram precários se esfacelaram na era pós Tito. A Alemanha, a decisão de mergulhar na Filosofia. Por vias que desconheço você chegou ao Brasil. No início dos anos 2000, já aparentemente tão distantes, um dia você chegou na Colina. Assim nos denominamos. Lugar mais elevado. A vista deveria alcançar mais longe em nossa Faculdade de Direito. Tivemos um almoço ( havia esta cultura tão nossa de sentar à mesa e comermos juntos enquanto planos acadêmicos eram esboçados) e onde você manifestou teu interesse muito genuíno de se associar a nosso programa de pós-graduação. Tudo nos era auspicioso. Como nas antigas canções da década em que você nasceu. Havia uma vibração criativa onde fazíamos planos e estes se realizavam. Um desejo coletivo de avançarmos juntos. Num arco que passou a congregar professores como José Carlos Moreira Alves e Luís Alberto Warat. Que tempos. Formar doutores/as no campo mais fértil das diferenças e dinamizar nosso Mestrado

Na formação jurídica que vislumbrávamos ambiciosa um conceito tornava-se então inarredável. Interdisciplinaridade. Mesmo que a teoria social crítica então se disseminasse como água que escorria de um veio precioso em terra calcinada, não havia tantos docentes com tua formação de velho mundo. Onde tudo ocorrera ( as promessas iluministas, a barbárie das “soluções finais”). Você chegava então como promessa de filósofo “*old school*”, a formação impecável, a mente treinada nos rigores da academia alemã, mas também associada a uma perspectiva generosa de compreensões do agora. Aqui mesmo. No Brasil que era então micro cosmo das tantas possibilidades globais de, enfim, nos tornarmos tolerantes, diversas, propiciar lugares de educação superior até então negados para -que surpreendente- a maioria. Lá fomos nós. Tua história na FD-UnB vai se consolidando ao mesmo tempo que tantas esperanças de educação jurídica que pudesse propiciar mais amplas compreensões. Afinal,

desde o primeiro icônico mestre do ocidente, é na Filosofia que residem as permissões cotidianas das grandes perplexidades e perguntas. Você as colocava.

Nas reuniões então frequentes de nossa Faculdade de Direito – para onde você se transferiu institucionalmente vindo do Departamento de Filosofia- sempre me fascinaram tuas questões. Lembro-me nitidamente de algumas delas em nossas discussões sobre o Projeto Pedagógico da Graduação. Você participou bastante. Sempre instigando, refletindo, motivando. Quantas vezes depois destes encontros eu me surpreendi pensando em que respostas seriam possíveis para tuas perguntas. Os vestígios acumulados de um tempo que me parece já tão distante não me permitem agora esclarecer porque não as compartilhei diretamente contigo. As oportunidades para sempre perdidas- talvez- de termos cancelado o almoço e ficado nas salas austeras de nossa FD, prosseguindo nos pontos que só foram abandonados porque outros compromissos engoliriam em breve as horas seguintes daqueles dias. Melhor fazem nossos estudantes. Que se alargam nos bancos de concreto do corredor, projeto arquitetônico equivocadolali deveria estar também o jardim- e por ali permanecem discutindo até que o cansaço das horas ou a exaustão do tempo áspero nas estações sem chuva, vença a vontade de prosseguir esquadrihando cada palavra e posição intelectual.

Desta primeira estação criativa brotaram frutos perenes. Teus orientandos, hoje professores, e tantos, tantos outros/as que escutaram tuas reflexões e leram tuas publicações. Anos se passaram, você prosseguiu. Dava-me sempre a impressão que estava em paz com a decisão de ter escolhido o Brasil, a UnB, nossa Faculdade de Direito. Ontem fiquei sabendo de teus filhos. Nicola e Lia Miroslav. Em meio a nossa imensa tristeza há esta felicidade genuína de saber que o Brasil não te deu apenas interlocutores intelectuais, como colegas ou estudantes, mas também uma existência de afetos, amores e futuro. Em nosso meio para ter filhos há que se acreditar. Neste imponderável que nos cerca. Permitir que a dúvida seja postergada e lançar um apelo ao futuro. Parece tão injusto que teus filhos não poderão ouvir de você sobre tuas tantas experiências como cidadão europeu que escolheu o Brasil. Beber de tua base filosófica. Mas quem sabe como Lia e Nicola te levarão pela vida? Aqui se apresenta o elemento que tanto nos cerca. O imponderável. Mas eles terão esta certeza, quando puderem compreendê-la ainda mais, que o pai foi este homem apreciado em seu ofício. De professor. Estes seres que vivem neste espaço da crença compartilhada. O futuro. Onde teus filhos te carregarão e nós te honraremos. Esta palavra vetusta. Que está associada a lutas por vezes fratricidas. Mas tua honra não se destina aos campos que prometem a morte. Mas onde queremos viceje a vida. Porque nossa promessa comum celebrada em nosso almoço, entre pratos cotidianos e nossa alegria então tão tenra, como os campos de tuas abandonadas primaveras europeias. Viver para honrar a educação para a democracia. Aqui você não será esquecido. Os mestres nunca morrem. Vivem nesta corrente dos grandes que você gostava de ilustrar, como nos lembrou Alexandre Araújo Costa. Teu elo foi burilado cuidadosamente e será para sempre inquebrantável. Fortalecendo esta corrente de quem pensa, indaga e instiga.

Esta é uma carta de agradecimento. Por nos ter escolhido. Ao Brasil, à UnB e sua Faculdade de Direito. Obrigada por tanto Prof. Miroslav Milovic.

Petrópolis, 12 de fevereiro de 2021-02-12

Loussia P. Musse Felix